

125957

MILTON

Artur Eduardo Benevides

Pertencia a uma raça espiritual que se vai extinguindo lentamente. Era um faiscador de palavras. Um poeta perdido no secreto esplendor de seus sonhos. Um garimpeiro de estrelas, auroras e crepúsculos. Um alimentador de memórias. Um embarcadiço de mil recordações.

Enquanto pôde, cumpriu, com dignidade, sua missão de escritor: narrou, contou, escreveu, recriou o tempo e a vida, distribuiu esperanças, fascinou as platéias e tornou maiores e mais belos os caminhos do tempo, para isso utilizando o poder maravilhoso do verbo, na continuação, em termos humanos terrenos, do milagre espantoso do Gênesis.

Generoso e fraterno, buscava realizar-se socialmente através do ideal de servir e, intelectualmente, na preservação da essência das cousas, numa literatura luminosa e poética,, em que a construção frásica tinha efeitos sensoriais os mais fortes e intensos.

Nunca deu valor às fugazes glórias do mundo e às atrações da pecúnia que, as mais das vezes, em lugar de enriquecer, empobrece ou avilta. Foi um espírito tocado de amor, de serenidade e de perdão, tudo fazendo pela prevalência dos ideais humanísticos na civilização tecnocrática em que vivemos.

Era um cavaleiro medieval, saído talvez da gloriosa epopéia da Távola Redonda, na busca incessante de ideias inatingíveis. Um coração que se emocionava a cada instante diante do espetáculo da vida. Um pensamento claro, límpido, criativo. Um modelo de gente, numa época em que o homem parece perder, a cada momento, os clarões de sua própria humanidade.

A morte, aliás, o perseguia há meses: levou-lhe em pouco tempo, a cunhada, o irmão, a irmã e agora ele, para acabar de espedaçar o coração de sua inconsolável mãe.

E a verdade é que nos sentimos diminuídos com a morte de Milton Dias. A contar de agora, ele habita as névoas da saudade. E lá o encontraremos, a qualquer momento, a narrar, com graça e desenvoltura, as suas incríveis histórias, os seus casos, as suas deliciosas lembranças de Massapê, ou a demonstrar a extraordinária grandeza interior que possuía, na alma impregnada de ternura, de estrelas, de sóis, de secretas e raras belezas.

Quase não nos conformamos, mas desde cedo aprendemos que são esses os imponderáveis desígnios de Deus em relação à nossa pobre vida. Agora, é Milton quem vai, na grande viagem sem volta, restando apenas, pelas sagradas promessas, a esperança da ressurreição, nas vinhas finais, depois que ocorrer o maravilhoso fenômeno da Parusia, em que ele acreditava.

Agora, tudo é silêncio, dor, crescente tristeza, fortes evocações, esquivos alubramentos. São os amigos em desconsolo, as coroas de flores, as palavras veementes mas inúteis, as explosões emotivas, o vazio, o irremediável vazio.

Milton se vai. Inesperadamente. Na glória maior de sua maturidade de espírito, quando estava a escrever com plenitude de sabedoria e profundidade de idéias, interpretando o ser e a vida.

Foi meu colega de Clã, de Academia e de Universidade. Foi mais do que isso: foi um amigo-irmão. Sonhou comigo os primeiros sonhos da mocidade. Esperou o que de bom se pode esperar deste mundo. E saiu vitorioso em tudo. Escritor primoroso, professor consagrado, conversador incomparável, querido, venerado, solicitado por todos para dar mais brilho às reuniões e às festas. Era uma palavra alegre, colorida, fascinante, múltipla. Uma inteligência fora do comum.

E é certo que vai fazer falta. Muita falta. Vai deixar claros impreenchíveis neste mundo que as orações piedosas continuam a chamar vale de lágrimas. Lágrimas que mais aumentam com sua incompreensível ausência, ele que era uma luz a clarear, meridianamente, os amplos caminhos por onde andou.

Ah, meu Deus!!!